



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ♀

“A sociedade faz uma **cumplicidade silenciosa**”

Região registrou nos seis primeiros meses deste ano seis casos de estupro e 152 ocorrências de lesão corporal pela Lei Maria da Penha. Para psicólogas, maior problema segue sendo o medo

FÁBIO PELINSON
jornalismo@oaltouruguai.com.br

Mais de 360 registros de ameaça, 152 ocorrências de lesão corporal, seis casos de estupro e dois de feminicídio. Esses números correspondem aos registros policiais relacionados à Lei Maria da Penha, apenas nos seis primeiros meses deste ano, nos 22 municípios da região. Essas estatísticas também comprovam que sempre é um momento oportuno para abordar o tema e combater um inimigo silencioso, que faz a maioria das vítimas prisioneiras do próprio lar. Uma forma de enfrentar o pro-

blema é falar sobre ele. Essa foi a proposta do curso de Psicologia da URI/FW, ao abordar a violência sexual, o estupro e o trabalho na rede de atenção em uma palestra na sexta-feira, 1º. Para a psicóloga Edilene Joceli de Almeida, uma das palestrantes do encontro, o medo ainda faz

seus números não correspondam à realidade do problema, que tende a ser muito maior. “As pessoas não contam pelo medo do preconceito, por medo de ser apontada como alguém que foi violada, e como o tema não é exposto, parece que sim, disso não se fala. O assunto não vem à tona e as pessoas não sabem para quem ‘se abrir’. Se ninguém trata do tema, não tem propaganda, não tem mídia, não tem campanhas de conscientização, isso não pode ser falado, que é a mesma lógica do abuso, de manter o segredo”, comenta a psicóloga.

Não são apenas as mulheres que sofrem com casos de abuso sexual ou mesmo estupro. No entanto, são elas, na maioria das vezes, que sofrem em silêncio. “As crianças e adolescentes não mantêm segredo, eles contam, seja através dos problemas de conduta na escola ou por meio das condutas regressivas ou mesmo comportamentos depressivos e ansiosos. Acabam, muitas vezes, sendo vítimas de bullying, porque se escondem, têm medo, mas essa é a forma de uma criança e um adolescente contar. Só que, às vezes, os adultos se tornam cúmplices silenciosos e a sociedade toda faz essa cumplicidade silenciosa”, alerta Edilene.

Muitas outras doenças ainda estariam relacionadas a esses crimes. “Se pegarmos os altos índices de depressão, suicídio, ansiedade, fica-se apenas falando no que está aparente, mas o que leva a isso? Muitas vezes, se fica diag-

Entendemos que isso não é apenas um problema de segurança pública



Rita Buttes é psicóloga na Prefeitura de Porto Alegre

Letícia Waidow

nosticando e tratando essa super-fície. Mas o que essa pessoa está tendo que reprimir, que esconder, por medo de rejeição, abandono e retaliação?”, questiona Edilene.

A psicóloga e também palestrante Rita Buttes, destaca ainda que esses casos de violência sexual precisam ser vistos como casos de saúde e não apenas casos de polícia. “Há umas duas décadas, a violência entrou na pauta do tema saúde. Entendemos que isso não é apenas um problema de segurança pública. Além do trabalho da prevenção, é importante fazer uma discussão com a cidade e com a região sobre a necessidade da rede de atenção,

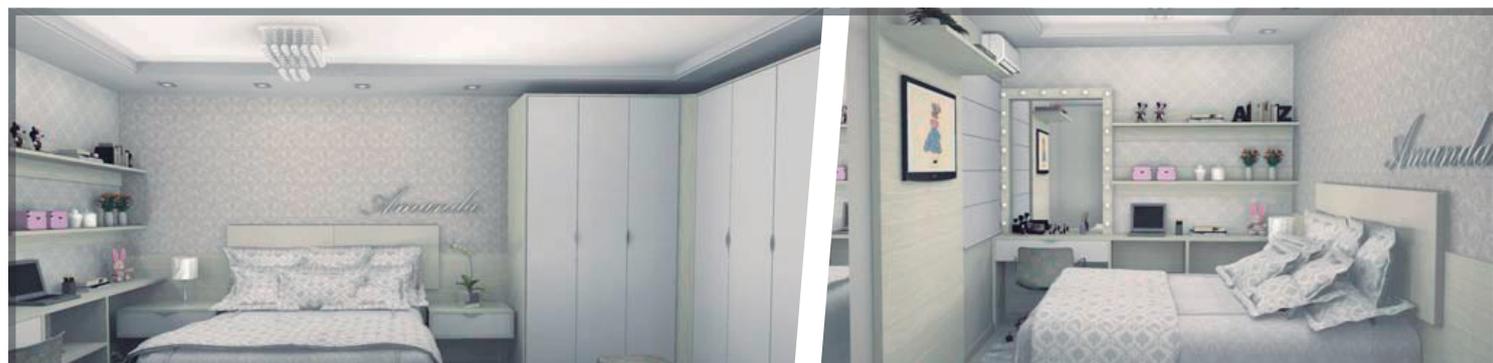
de proteção, de garantia de direitos para essas vítimas, seus familiares em vulnerabilidade, entendendo que essa rede de proteção passa por políticas públicas e por incentivo da gestão e do monitoramento dos casos de violência”, destaca Rita.

Na semana passada, a violência sexual ganhou repercussão nacional após um homem ser detido duas vezes por casos de estupros dentro de um ônibus de transporte coletivo em São Paulo. Ele acabou preso preventivamente após a segunda ocorrência, quando também veio à tona sua ficha criminal com 17 passagens pela polícia por crimes sexuais.



Cláudia Casarini/FW/Divulgação

Edilene de Almeida é assessora técnica em vigilância de agravos e violências na capital



**Arquiteta e Urbanista:
Aline Spagnol**

Todeschini

55 3744-4301
Rua Maurício Cardoso, 421
Frederico Westphalen/RS